

# A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO COLETIVO E DAS PARCERIAS



Expressão das crianças por meio de cartaz com elementos da natureza.

Sobre as plantas, algumas pessoas comentaram que tudo morreu e agora está voltando aos poucos. Então foi questionado: quais as plantas estão lidando melhor com aquela situação? O assa peixe que estava bem fraquinho ou o fedegosão que estava bem saudável? É a terra que está recuperando o fedegosão ou o fedegosão que está recuperando a terra? O entendimento do grupo foi que ocorre as duas coisas. Por exemplo, o fedegosão, uma leguminosa, põe o N do ar na terra e, por sua vez, a terra alimenta o fedegosão. Vivemos tentando recuperar a natureza, mas dona Denira Domiciano, uma agricultora de Divino, diz que é a natureza que recupera a gente. Entre as plantas que recuperam a gente estão as plantas medicinais. Nos intercâmbios conversamos muito sobre as plantas medicinais e o poder de cura que elas têm.

Entendemos também que, além dessas plantas e dessas famílias da comunidade agindo juntas, é bom reunir outros amigos para dar conta dessa recuperação.

Instituições parceiras também são necessárias para contribuir nesta transformação. Como disse Amaral Gonçalves, “a gente tem que trazer pessoas para nosso lado”. Assim, a articulação com as universidades (como a UFV e a UFOP), com a Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA) e com a Escola Família Agrícola (EFA) Paulo Freire, potencializa nossos encontros e nossa força coletiva. A EFA, por exemplo, trouxe para nossos intercâmbios a energia e alegria da juventude, com diferentes cantos populares que aqueceram nossos corações.

Além dos jovens, as crianças também tiveram um papel importante em nossos encontros. Elas fizeram um cartaz com os elementos da natureza, coletados durante a caminhada que fizemos pela propriedade. Elas participaram da caminhada com um olhar curioso e atento. As crianças foram estimuladas a sentir a terra e a coletar elementos que pudessem contar uma história. Uma das crianças, ao observar as cartolinas distribuídas pelo espaço, exclamou: “A Terra está falando com a gente! A gente tem que escutar mais ela!”. Durante a roda de conversa sobre os objetos coletados, as crianças apresentaram para nós o cartaz que elas fizeram.

Para finalizar nossos encontros, foi aberta a mesa da partilha de comidas saborosas e a troca de mudas e sementes. Os violeiros fecharam a jornada convidando ao canto e à alegria. Finalizamos assim sentindo a alegria do povo reunido. **Estar juntos potencializa nossas forças, é por isso que os intercâmbios agroecológicos são importantes para transformar nossa realidade. A alegria e os aprendizados dos intercâmbios nos ajudam a “Resistir e construir história” como disse seu Geraldo Adão.**

@ctazm | (31)3892-2000 | [www.ctazm.org.br](http://www.ctazm.org.br)

## REALIZAÇÃO:

Texto: Nancy Casas, Talita Guarçoni, Gilberto Kishida, Wesley Cançado, Irene Cardoso

Fotografias: Raphael Fernandes (fotos 1, 5, 6, 7), Daniel Kroehling (foto 2), Julia Wanick (foto 3), Paloma Dias (foto 4)

Produção Editorial e Revisão: Wanessa Marinho | Arte gráfica e diagramação: Rodrigo S. Teixeira | Apoio: Iberê Marti, Fábio de Oliveira Moreira

PARCEIROS:



FINANCIAMENTO:



# “MINHA ALEGRIA QUE É VER O POVO REUNIDO”

Nº 21 - Janeiro de 2023

Você já ouviu falar dos **intercâmbios agroecológicos**? Eles são momentos em que as pessoas se reúnem, conversam sobre a roça, comem muita comida gostosa, cantam e tocam músicas lindas, levam mudas e sementes para casa, se divertem e ainda aprendem e ensinam um monte de coisas. Os intercâmbios propiciam a troca de experiências, o reconhecimento de saberes tradicionais, a valorização dos antepassados e da cultura do diálogo entre as famílias da comunidade.



Intercâmbio agroecológico no sítio da Maria da Penha (31 de agosto de 2022)



Em 2022, as famílias das comunidades de Barreto e Campinas se reuniram para vivenciar esses intercâmbios. Sob a sombra de uma árvore, com as cadeiras posicionadas em roda e diversos elementos no centro, foram compostos os cenários para começar a conversa. Esses cenários são chamados de Instalações Artístico Pedagógicas (IAP) e são uma forma de convidar as pessoas a falar e a refletir sobre a realidade. O cenário criado com elementos da realidade dispostos de forma bela e harmoniosa estimula a memória, as emoções, a conexão e a geração de novas ideias.

Instalação Artístico Pedagógica produzida para o intercâmbio na casa de Dona Maristela e Sr. Adão, no Sítio Moinho, com representação dos rios, das baixadas, dos peixes, da cultura popular, das plantas e da terra.

**Nos intercâmbios, as histórias das famílias são sempre um momento importante para dar início às conversas, pois é escutando a história das pessoas que gostamos mais delas e aprendemos a respeitá-las mais.** É preciso também aprender com as nossas histórias! As histórias e os casos relacionados às mudanças para a cidade e a volta para a terra foram contados nos intercâmbios.

## INTERCÂMBIOS AGROECOLÓGICOS: partilhas, causos e histórias

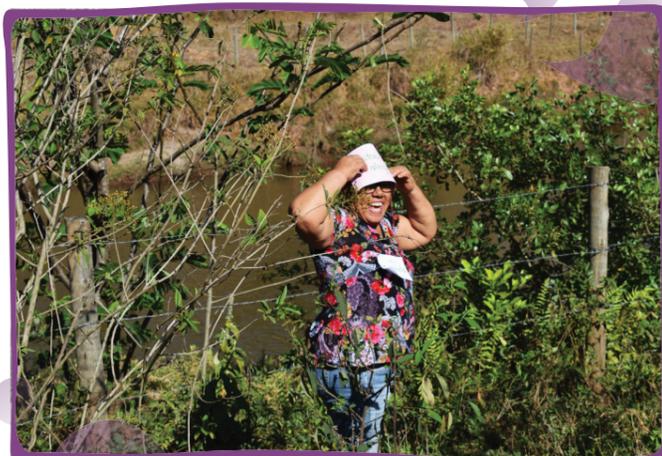
Sr. Geraldo Adão de Castro conta que foi para São Paulo, mas que só ficou 15 dias e depois voltou para a sua roça. Ele tinha um pedaço de terra para voltar! Sobre as causas de sua volta ele comenta: “Aqui eu andava para todo lado, lá eu ficava só preso”. O Wilson Patrício completa: “Lá ninguém é de ninguém” e conta que sua maior saudade era da roça: “lá em São Paulo precisa de muita teoria para estar lá”. Por sua vez, o sr. Geraldo Carneiro, conhecido como Iaiá, contou que no hospital dessa cidade foi destruído por causa da cor de sua pele. O Rafael Carneiro relatou que morou 15 anos na cidade e que voltou porque não queria deixar sua mãe sozinha: primeiro, porque tem trabalhos que são pesados para ela; e também por receio de deixar a mãe sozinha porque depois do desastre com a lama mais pessoas passaram a frequentar a comunidade.

Viver na cidade tem coisas boas, porém muitos relatos mostraram que as pessoas da comunidade preferem viver na roça. O Rafael falou que conseguiu vários bens materiais graças ao trabalho de quando vivia na cidade, ainda assim ele fez a escolha de viver na roça. Sr. Antônio Neves nasceu e cresceu na cidade de Mariana, mas como o Rafael, ele também fez a escolha de viver na roça. Quando Sr. Antônio morava na cidade, ele foi um dia trabalhar de pedreiro na roça e conheceu Manoela Neves. Com ela se casou e mudaram para a roça. Com ela, ele aprendeu a plantar, a cuidar da terra e dos bichos e a viver na roça e nunca mais voltou para a cidade.

A Daniela de Castro contou que no campo há algumas coisas que não há na cidade: tomar um leite quentinho tirado da vaca na hora, acordar com o canto dos pássaros, mexer na horta e trabalhar sem ter que “ser mandado”. Conversamos também sobre os mutirões que acontecem na roça. Algumas pessoas relataram que antigamente trocavam dias de

trabalho. Os mutirões é um bom momento de aprender uns com os outros. Na conversa sobre o trabalho aproveitamos para refletir sobre a desigualdade de renda entre as pessoas. Muitos trabalham e poucos ficam com a renda!

No intercâmbio na casa da dona Maria da Penha, após tantas histórias e memórias compartilhadas, nós caminhamos pela margem do rio, em uma várzea atingida pelo rejeito. Na várzea colocamos vários pedaços de cartolina com frases escritas. Durante a caminhada cada pessoa pegou um objeto ou um pedaço de cartolina para representar o que mais queria contar para os outros. **Dona Maristela de Castro, pegou uma cartolina que estava colada em um pé de fedegão muito verde, apesar do rejeito, e com flores amarelas e lindas. Na cartolina estava escrito: “estou tão alegre”. Dona Maristela colocou a cartolina na cabeça e começou a cantar. Depois explicou “estou alegre porque gosto do povo reunido”. Intercâmbio agroecológico é alegria! A alegria de dona Maristela é a alegria de todos nós.** Márcia Patrício pegou uma cartolina que tinha escrito: “sou guerreira” e que estava colada em uma pequena planta, crescendo com dificuldades no rejeito. Márcia mostrou a cartolina para todos e disse: “todos somos guerreiros por estar aqui”.



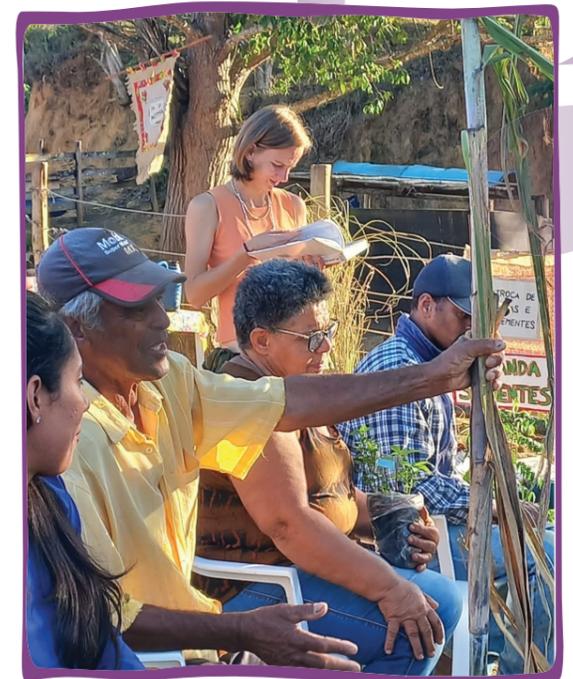
Maristela cantando e dizendo sobre a alegria de estar com todos

Durante a caminhada, Rafael contou como a várzea foi invadida pelo rejeito e como a empresa fez para tentar recuperá-la. Segundo ele, nesta várzea foi plantado uma mistura de sementes usando uma malha plástica, para ajudar a fixar as plantas. O plantio não deu muito certo, mas sobrou a malha plástica embaixo de uma camada de 10 cm de mistura de solo com rejeito. Realizamos então uma reflexão sobre a contaminação ambiental que essa malha plástica proporciona e foi questionado o porquê de não ter se utilizado malhas de materiais biodegradáveis. Os participantes ficaram indignados. Por que as empresas utilizam plástico, um contaminante ambiental, para a reparação? Por que não utilizou materiais biodegradáveis? Muitos disseram que certamente por ser mais caro. A busca pelo dinheiro cada vez contamina mais o ambiente, uma hora é com o rejeito, depois é para tentar reparar o rejeito!

Sentados novamente à sombra da árvore, cada pessoa pode falar, uma por vez, sobre o objeto que havia coletado na Instalação Artística Pedagógica ou durante a caminhada pela várzea. Cada participante explicou o porquê de ter escolhido aquele objeto e colocou o objeto no centro da roda. Esse é um momento muito rico, porque cada um e cada uma pode mostrar um pouquinho do muito que sabe.

Houve muita troca de conhecimentos. Uma das coisas que aprendemos nessa troca foi que alguns peixes já voltaram ao rio. Um dos participantes contou que ele gostava muito de Timboré e disse que queria pegar no rio, mas não tinha. A Carminha (Carmen de Castro) gosta de pescar e disse que na verdade o timboré, o lambari, o acará, a traíra e o bagre voltaram. Ela disse que a maioria dos peixes voltaram, mas em menor quantidade e menores.

Leonardo de Castro não foi na caminhada, mas ficou sentado e observando. Ele observou o cuidado das pessoas de fora em prestar atenção nos mínimos detalhes. Detalhes que eles mesmos, às vezes, não observam. **Rafael usou a cerca como reflexão. Ele disse que a cerca é muito útil, por exemplo, para fazer o galinheiro e cercar o gado e que também temos cercas em nossos corações, mas que precisamos aprender que cada cerca tem uma porteira ou uma saída. Grande reflexão! Quais cercas temos nos nossos corações? O rejeito com certeza é uma delas. Como achar a saída para esta cerca que nos aprisiona?**



Sr. Geraldo Adão explicando que desde criança levantava de manhã para moer a cana de açúcar para fazer rapadura.



Dona Manoela explicando que escolheu a vassoura porque a planta sumiu com a invasão do rejeito.